REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

EDUCAÇÃO E LITERATURA: POR UMA ESTÉTICA DO ISOLAMENTO SOCIAL

Ana Maria Haddad Baptista[1]

Resumo: A Educação, em tempos de isolamento social exigido pelo Corona Vírus 19, exige e exigiu uma nova postura de estudantes e professores. A ruptura brutal e sem precedentes no processo educacional possibilitou aberturas para discussões, a partir de livros e textos, e análises críticas, em especial da literatura, do contexto, assim como de situações existenciais. Professores e alunos viram, na prática, novas possibilidades de uma educação que possibilitou aberturas e estratégias que talvez nunca teriam sido pensadas. Este texto relata algumas experiências obtidas durante a fase da pandemia em cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu.* Nessa medida, em nossas experiências, procurou-se ressaltar a importância de caracterizar o período, assim como buscou-se leituras que, de alguma maneira, discutissem o contexto pelo qual estamos passando. Buscou-se, inclusive, a discussão de situações existenciais propostas pela literatura de Proust, Beckett, Marco Lucchesi, Emil Cioran e outros autores importantes. Conclui-se que houve uma recepção muito amistosa por parte dos estudantes que proporcionaram uma visão mais crítica em relação ao ensino remoto e que as artes, assim como a literatura podem ser instrumentos ferozes em busca de novos valores humanos e contextuais.

Palavras- chave: Estética; Experiência; Educação.

EDUCATION AND LITERATURE: FOR AN AESTHETIC OF SOCIAL ISOLATION

Abstract: Education, in times of social isolation demanded by Corona Virus 19, demands and demanded a new attitude of students and teachers. The brutal and unprecedented rupture in the educational process enabled openings for discussions, based on books and texts, and critical analyzes, especially on literature, context, as well as existential situations. In practice, teachers and students saw new possibilities for an education that enabled openings and strategies that perhaps would never have been thought of. This text reports some experiences obtained during the pandemic phase in undergraduate and graduate stricto sensu courses. To that extent, in our experiences, we tried to emphasize the importance of characterizing the period, as well as looking for readings that, in some way, would discuss the context we are going through. We also sought to discuss existential situations proposed by the literature of Proust, Beckett, Marco Lucchesi, Emil Cioran and other important authors. It is concluded that there was a very friendly reception by the students that provided a more critical view in relation to remote teaching and that the arts, as well as literature can be ferocious instruments in search of new human and contextual values.

Keywords: Aesthetics; Experience; Educacion.

[1] Ana Maria Haddad Baptista possui mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Pós doutoramento em História da Ciência pela Universidade de Lisboa e PUC/SP onde se aposentou. Atualmente é pesquisadora e professora dos programas *stricto sensu* em Educação na Universidade Nove de Julho (SP). Possui dezenas de publicações no Brasil e exterior.
.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e literatura: por uma estética do isolamento social. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-13, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

Considerações Iniciais

A história humana, desde os mais variados registros, não somente aqueles marcados pela era da escrita, indicam, objetivamente, que o isolamento social não é um fato novo. Houve muitos momentos de isolamento social nas mais variadas épocas. Se fizermos um exame mais agudo e profundo o isolamento social existe, de forma mascarada, independente de pandemias ou outras tragédias que assolam o planeta. Países inteiros estão, como se sabe, isolados e confinados à margem de muitos e muitos benefícios, em inumeráveis graus e sentidos. Se pensarmos nas grandes cidades que criaram espaços próprios de moradia pode-se pensar que não deixam de estar isolados. Mas não somente as comunidades menos favorecidas. Pensamos naquelas que criam para si mesmas espaços distantes onde um mundo cheio de atrativos predomina. Sempre favorecidos pelo poder de compra. Não seria uma forma 'mascarada' de isolamento social? Nesses espaços existem as melhores escolas, hospitais. Os melhores centros de compra, restaurantes estrelados. Uma série sem fim de serviços à disposição de uma classe social que pode arcar com tal estrutura.

Em tempos de pandemia Corona Vírus 19 tudo ficou mais evidente. A miséria humana, em todas as suas ramificações que não são poucas, ficou mais exposta do que nunca. As desigualdades sociais jamais foram tão evidentes. O descaso para com a vida dos menos favorecidos foi escancarada. Impossível ignorá-lo diante das evidências objetivas das situações circulando pelos mais variados veículos de comunicação. Impressos ou digitais. Não se pode esquecer, sob pena de uma ingenuidade sem precedentes, de que a pandemia potencializa, embora de forma brutal, uma ruptura e isolamentos que já existiam e, sobretudo, eram latentes.

> Com os poderes de cima lavando suas mãos diante da tarefa de tornar as vidas suportáveis, as incertezas da existência humana são privatizadas, a responsabilidade por enfrentá-las é jogada sobre os membros exaustos dos indivíduos, enquanto as opressões e calamidades existenciais são desprezadas como tarefas do tipo faça você mesmo, totalmente executadas

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e literatura: por uma estética do isolamento social. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-13, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

> pelos sofredores. Destinado a buscar soluções individualmente planejadas e administráveis para problemas gerados pela sociedade, desde suas promessas iniciais, que agora rejeita cruelmente o compromisso de garantir um seguro coletivo contra os perigos da vida individual, o indivíduo é abandonado a seus próprios recursos, muitas vezes dolorosamente inadequados – ou que se teme venham a sê-lo em breve (BAUMAN, 2017, p.60).

Os movimentos migratórios de diversas partes do mundo não seriam grupos em completo isolamento sem um destino definido? Em que medida tais grupos nada bem recebidos e até repudiados não seriam apenas seres exilados de si mesmos e confinados por semanas e até meses em embarcações ou outros meios de transporte? Deve-se pensar em tais condições antes de analisarmos, de uma forma mais próxima e, talvez, mais lúcida, o isolamento causado pelo Corona Vírus 19.

Uma grande e belíssima metáfora de isolamento social está na universalidade de *Vidas Secas* obra famosa e conhecida, merecidamente, de Graciliano Ramos. Ou seja, os retirantes em estado quase perpétuo de retiro. De deslocamentos. A busca, que se repete ciclicamente, por um lugar que pudesse fornecer um abrigo contra a fome. A busca por um emprego mais digno. E ao mesmo tempo, neste romance, a busca da linguagem. A busca do diálogo inexistente que tanto isolava cada personagem da narrativa. Exilados de si mesmos. Encapsulados em suas respectivas interioridades e misérias.

O poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, como se sabe, também nos traz uma belíssima poética que traduz o isolamento ocasionado pela miséria. O retirante em busca de um emprego. O retirante em busca de um lugar. O retirante em busca de um prato de comida. Portanto, um ser, como tantos outros, isolado, confinado em espaços cuja miserabilidade espelha um abandono praticamente ignorado pelos poderes estabelecidos. Imerso em promessas não cumpridas de distribuição hipócrita de latifúndios.

A humanidade nunca mais será a mesma?

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e literatura: por uma estética do isolamento social. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-13, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

É de senso comum que após a pandemia causada pelo Corona Vírus a humanidade e o mundo nunca mais serão os mesmos. Tal afirmação soa, num primeiro momento, como uma alternativa sedutora. Assemelha-se a sonhos anteriores em que houve grandes tragédias e, finalmente, uma condição humana mais solidária, menos sórdida, predominaria. Realmente, o mundo nunca mais foi o mesmo após a primeira Guerra Mundial, após a Segunda Guerra. Isso é fato. Mas em que medida? Claro que tudo muda continuamente. Para o bem e para o mal. No entanto, acreditar que a humanidade, como muitos divulgam, poderá melhorar de forma substancial após uma tragédia é, no mínimo, uma ingenuidade.

> O desfecho mais provável da epidemia é o prevalecimento de um novo capitalismo bárbaro: muitos fracos e idosos serão sacrificados e abandonados à morte, os trabalhadores terão de aceitar um padrão muito mais baixo de vida, o controle digital de nossa vida perdurará como uma característica permanente, as distinções de classe devem se tornar ainda mais que hoje uma questão de vida ou morte (ZIZEK, 2020, p. 133).

É de conhecimento geral, que após as grandes tragédias, infelizmente, pouco foi aprendido pela humanidade. Objetivamente a verdade é que as memórias coletivas e individuais vão ficando para trás e as memórias documentais são lidas e, posteriormente, reinterpretadas à luz do presente. Por um outro lado, não podemos deixar de refletir que só podemos lembrar, individualmente, à medida que os mecanismos de esquecimento forem acionados. Como não fazermos uma reflexão a partir do emblemático conto de Borges *Funes, o Memorioso*? No famoso conto de Borges, escritor argentino, Funes sofre um acidente grave. Após o acidente sua memória ganha uma dimensão sem precedentes. De repente Funes percebe que se lembra de tudo em detalhes. Tudo o que lhe cai nas mãos lê e depois disso recorda cada detalhe do que foi lido, mas de forma mecânica. A sua capacidade de pensar fica comprometida. Com tal conto Borges evidencia, uma vez mais, que o mecanismo do esquecimento da memória é vital para a sobrevivência humana. Nada esquecer seria subtrair o fluxo da consciência que faz com que os seres humanos vençam o presente e, permanentemente, se tornem outros. E os grandes

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e literatura: por uma estética do isolamento social. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-13, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

pensadores nos lembram que: "A poesia é memória, eis a afirmação antiga. A memória é a musa. Aquele que canta o faz recordação e dá o poder de recordar. O próprio canto é memória, o espaço em que se exerce a justiça da recordação" (Blanchot, 2010, p. 49). No entanto, no caso da poesia, conforme foi colocado, o caso da rememoração é outro. Claro que a memória, tanto individual como a coletiva, são necessárias. Sem elas como dar continuidade à história? Mas o excesso de memória se torna um obstáculo a transformações inventivas.

O que buscam as artes?

As verdadeiras expressões artísticas entram justamente no ponto do renovar e inventar, (sem esquecer a tradição), e deixar de lado receitas esclerosadas. Quais seriam os verdadeiros objetivos da arte? Entre tantos que poderíamos enumerar existe um dos mais importantes. Ou seja: existem outros mundos possíveis. Existem outros universos que ainda não teriam sido contemplados. A arte existe, em todas as suas linguagens, justamente para inovar, criar, inventar outras possibilidades de vida. Sem esquecer, evidentemente, a literatura.

Em tempos de pandemia Corona Vírus-19 tal papel das artes nunca foi tão necessário sob a perspectiva de que tivemos e temos que enfrentar outras formas de existir. Existem outras possibilidades de vida. Nas mais variadas dimensões. A humanidade se viu apartada. Isolada. Cada um deveria ficar em seu espaço. Sem comunicação presencial. E a tragédia do vírus colocou em xeque, uma vez mais, a fragilidade da vida. A incompetência, mesmo dos países denominados de 'primeiro mundo', em lidar com uma situação de total imprevisibilidade e aparentemente incontrolável.

Todas as esferas foram redimensionadas. A área educacional, sabe-se, foi uma das mais afetadas. Educação exige, pelo menos até o ensino médio, em grande parte, a presença do professor. Na Educação Superior o ensino a distância já era uma realidade em construção. Mas já havia e há muito o que fazer e,

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e literatura: por uma estética do isolamento social. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-13, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

sobretudo, construir. A pandemia redefine, obrigatoriamente, todos os processos educacionais presenciais ou não.

Em se tratando de Ensino Superior nos cursos de graduação em Letras e Pedagogia e nos programas de pós-graduação *stricto sensu* na área da Educação, em que atuamos, o que pudemos constatar em relação ao papel das artes, em especial, no papel da literatura em tempos de isolamento social? Num primeiro momento para uma cidade grande, como São Paulo, com milhões de habitantes, a reação dos alunos foi muito otimista. Por quê? Porque, de repente, notou-se que havia mais tempo, em especial, para ler e estudar. Perceberam que o tempo é fundamental para que tivessem mais oportunidades de leitura e fazer buscas pela *internet*. Houve um envolvimento muito grande com as leituras sugeridas e propostas.

Como se sabe os cursos presenciais, bruscamente, como mandam os protocolos, de uma hora para outra se tornaram um ensino a distância. Mas de forma adaptada. Portanto, uma verdadeira construção. Não havia caminhos prévios. E naturalmente todos os envolvidos no processo educacional passaram por diversos dilemas.

Diante do exposto, em linhas mais gerais, qual foi a nossa experiência como professora na interface entre educação e literatura, numa situação em que, de repente, nossos cursos se tornaram a distância?

O primeiro ponto trabalhado com meus estudantes foi o de caracterizar, a partir de diversos textos de Bauman, Zizek e Cioran, a respeito da situação que estávamos e estamos enfrentando com as incertezas da pandemia em todos os seus aspectos. Com tais leituras pudemos analisar, de maneira bastante crítica, outras situações de isolamento pelos quais a humanidade já passou. Ao mesmo tempo pudemos analisar contradições políticas, econômicas e culturais. Discutir criticamente a situação que estamos vivendo é fundamental para que não se caia em armadilhas governamentais que buscam apenas dar um cunho assistencialista às vítimas em geral e espaços meramente políticos para expor e agudizar elementos

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e literatura: por uma estética do isolamento social. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-13, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

desnecessários ao enfretamento dos conflitos gerados pela tragédia. Um dos pontos fundamentais no contexto das discussões foi o conceito de liberdade. Neste ponto as reflexões de Emil Cioran foram essenciais:

> A liberdade, eu dizia, exige o vazio para manifestar-se; o exige e sucumbe a ele. A condição que a determina é a mesma que a anula. Ela carece de bases: quanto mais completa for, mais vacilará, pois tudo a ameaça, até o princípio do qual emana. O homem é tão pouco feito para suportar a liberdade, ou para merecê-la, que mesmo os benefícios que recebe dela o esmagam, e ela acaba lhe sendo tão penosa que aos excessos que suscita ele prefere o de terror. A estes inconvenientes se acrescentam outros: a sociedade liberal, eliminando o 'mistério', o 'absoluto', 'ordem', e não tendo nem verdadeira metafísica nem verdadeira polícia, encerra o indivíduo em si mesmo, afastando-o ao mesmo tempo do que ele é, de suas próprias profundezas (CIORAN, 1994, p. 24).

O isolamento trouxe, entre tantas outras coisas que poderiam ser apontadas, um retrato mais exato que envolve questões de privacidade. Em outras palavras: grande parte da população se viu obrigada a trabalhar em casa e as liberdades individuais foram gravemente afetadas. Não somente de quem estava mais envolvido com o trabalho. Mas a liberdade dos moradores da casa.

Nessa medida, as discussões a respeito do conceito de liberdade adquiriram uma relativa abrangência. Pudemos, juntamente com os estudantes, fazer longas reflexões que envolveram a liberdade. Discutiu-se, profundamente, o quanto o homem não está preparado para recebê-la visto que exige responsabilidades para assumi-la e ela se torna pesada demais. Tal discussão, posteriormente, foi estendida para o conceito de liberdade artística.

Em seguida, na sequência de nossos cursos cujas leituras mais essenciais que aqui mencionamos foram comuns à graduação e pós-graduação, trabalhamos algumas partes do livro *A montanha mágica* de Thomas Mann. Por que o livro do escritor alemão? Por se tratar de uma belíssima metáfora em que o tempo da personagem principal é completamente alterado. Uma imagem incrível, sob nossa ótica, de tempos suspensos, comparável, com as devidas proporções, à situação do isolamento. A narrativa, conforme é sabido, se passa dentro de um sanatório. E as

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e literatura: por uma estética do isolamento social. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-13, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

pessoas que vivem lá e o visitam sentem o tempo interior e exterior completamente alterado por uma atmosfera jamais vivida antes. O livro, como um todo, deixa claro o quanto o espaço e desdobramentos que nos rodeiam podem influenciar nossa percepção sobre o tempo e a memória. Algumas personagens puderam, de fato, repensar valores e suas próprias existências de forma mais profunda, em especial, por estarem numa situação de isolamento que é o cerne da narrativa de Thomas Mann.

Um ponto interessante a ser destacado em nossos cursos, mesmo em se tratando de graduação e pós-graduação, foi a participação, indireta, de filhos, namorados, maridos e pais. Muitos estudantes declararam que a família estava ouvindo as aulas. Outros faziam questão de gravá-las. De nossa parte a improvisação foi potencializada. Livros mencionados não previstos para a aula podiam ser acessados facilmente por nós e mostrados na tela. Com isso, muitas vezes, a leitura de um fragmento de livro estimulou os estudantes a lê-lo por inteiro.

Na sequência dos cursos analisamos o livro *Que é literatura?* de Jean-Paul Sartre. Nada melhor, pensamos, (mesmo em cursos presenciais), mostrar objetivamente qual é o papel das artes. O real papel da literatura. Cremos que a maioria dos professores, em geral, batem em fragilidades e lamentações. Ou seja, o famoso senso comum de que as artes são desvalorizadas e que a área educacional jamais valorizou os artistas. Ou que artistas são seres 'lunáticos' e sonhadores. E, inclusive, o senso comum de que poetas vivem em outros mundos. Ou, o que é pior, de que a literatura serve apenas para epígrafes ou "florear" a língua.

O livro de Sartre, diga-se de passagem, foi uma resposta do filósofo, furiosa, para definir os objetivos da literatura. Possui um vigor e uma fundamentação teórica bastante sedutora para a caracterização que buscamos. Um dos pontos relevantes do livro em questão é fazer uma reflexão profunda a respeito do conceito de liberdade. Ou seja, de que um escritor enquanto escreve sabe que sua liberdade está 'atolada', assim como a de seus leitores. Nesse sentido, afirma Sartre, durante a leitura de uma obra, leitor e escritor devem dar continuidade à sempre inacabada

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e literatura: por uma estética do isolamento social. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-13, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

construção de suas liberdades individuais. *A própria liberdade parece um galho seco: tal como o mar ela sempre recomeça; não é nada mais do que o movimento pelo qual perpetuamente nos desprendemos e nos libertamos* (Sartre, 2015, p. 60). Com tal discussão o texto ganhou outras proporções visto que foi ao encontro de várias questões propostas por Emil Cioran anteriormente colocadas neste texto.

A literatura e outras formas artísticas devem ser vistas, em primeiro lugar, enquanto a materialização física e efetiva de uma linguagem. A maior ingenuidade conceitual do senso comum é "achar" que as artes em geral são de um caráter meramente subjetivo e sem critérios de rigor. De objetivos. De um projeto que envolve, sobretudo, uma estética dos sentidos. Uma estética que solicita, profundamente, um exercício de pensamento. Eis uma das grandes dificuldades imperiosas que precisam, a nosso ver, ser analisadas de perto.

Dando continuidade às leituras que fizemos com nossos estudantes pedimos, também, a leitura de uma obra de Beckett que analisa as questões do amor em Proust. Antes os estudantes leram fragmentos da obra *Em busca do tempo perdido* do autor francês para depois entrarmos nas análises propostas por Beckett. Em que medida; tal leitura foi oportuna? Discute diversas questões existenciais sobre o amor, o tempo e expõe de maneira visceral as nossas incompletudes em relação à vida. Em outras palavras: a nossa impotência diante da totalidade do tempo que sempre caminha soberano. Visto que de acordo com Proust e Beckett quando amamos queremos, a qualquer custo, a totalidade do ser amado. Não somente nos apoderar de seu passado, mas quando o ser amado está longe não nos conformamos com sua ausência. Por tal razão amamos mais quando estamos longe. A ausência provoca sentimentos contraditórios de posse. E o ciúme é inevitável. *O amor, ele* [Proust] *insiste, só pode coexistir com um estado de insatisfação , seja ele nascido do ciúme ou de seu predecessor – o desejo. Representa nossa busca de um todo* (Beckett, 1986, p. 44).

A conclusão dos dois grandes escritores é de que somente os signos artísticos, porque imateriais, podem reforçar uma comunicação efetiva. Ou melhor

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e literatura: por uma estética do isolamento social. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-13, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

dizendo: somente os signos artísticos promovem uma relação plena de intersubjetividades.

Tal leitura conduziu a reflexões bastante profundas não somente a respeito das artes em geral, assim como da literatura. Observe-se que cada um dos estudantes teve uma abertura para pensar a si mesmo existencialmente. A brevidade da vida. A importância do amor e das paixões. Uma outra obra importante cuja leitura foi bastante relevante para o nossos cursos foi *Os olhos do deserto,* do escritor brasileiro contemporâneo Marco Lucchesi, que discute, em especial, a solidão. Em suas palavras:

> Mordi o nada. Tenho dentes de Adão. Provei o nada no corpo. Deixei-me levar por este sentimento apolíneo. Terminou a tempestade psíquica. Compreendo a vocação dos monges da Síria: vertigem e altitude. O sentir-se abandonado, a estética da solidão, a qual combinada com a da altura, cria uma síntese prodigiosa (LUCCHESI, 2000, p.85).

A partir da belíssima e expressiva imagem **estética da solidão** pudemos, durante muitas aulas, discutir, a fundo, o conceito de solidão, inclusive, suas implicações filosóficas. Nessa medida, entre outras coisas que poderiam ser destacadas pudemos recortar, de forma analítica, o que significa solidão numa dimensão mais individual e sua dimensão cósmica. Verificamos, por exemplo, pelas diversas análises que fizemos de outros textos e diários de escritores que, de um modo geral, os homens, poetas e romancistas possuem um grau maior de solidão em relação às poetisas e escritoras. Na verdade, as reflexões suscitadas pela leitura de *Os olhos do deserto* vieram ao encontro, em grande parte, da situação de isolamento imposta pela pandemia ocasionada pelo Corona Vírus-19. Ficamos quase surpresos com a amplitude e com os questionamentos suscitados pelo tema solidão. O interesse foi muito grande e o pedido de outras indicações de leitura que falasse a respeito do assunto. A finalização de nossos cursos em tempos de pandemia surpreendeu, sobretudo, pelo grau de receptividade acolhedora por parte da maioria dos estudantes. Houve, incrivelmente, uma aproximação muito grande

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e literatura: por uma estética do isolamento social. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-13, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

com as classes em termos afetivos. O que nos leva a crer que a as paixões alegres, de fato, como diria Spinoza, potencializam o ser.

Das considerações inconclusivas

I. A área educacional, em tempos de pandemia, mostrou, acima de tudo, que existem outras alternativas para professores e estudantes que vão além de um pessimismo passivo e sem argumentos. Mostrou uma realidade mais aprofundada das lacunas do processo educacional. Sempre complexo. Todavia, com as aberturas de um movimento em permanente construção.

II. A improvisação foi imperiosa em todos os sentidos. Com isso o trabalho docente ganhou uma dimensão maior. Professores e alunos consideraram que um programa de conteúdo rígido jamais daria abertura para tantas discussões importantes que houve durante o curso em condições remotas. A impossibilidade do presencial potencializou criatividades. Direcionou, substancialmente, para leituras e reflexões jamais imaginadas. Em maior proporção se houvesse uma comparação com o presencial. Professores tiveram que estimular não somente um repertório cultural já adquirido. Mas, inclusive, estratégias de diálogos que, talvez, nunca tivessem pensado antes. Isso prova o quanto, muitas vezes, a contribuição efetiva e criativa de um professor é subestimada quando recebe programas, estratégias e conteúdos "prontos" em formas de receitas petrificadas. Sabe-se, em larga escala, que sistemas escolares não somente nacionais, assim como estrangeiros possuem melhores resultados e desempenhos de seus alunos quando os professores podem, realmente, ter maior liberdade em sua conduta docente. Quanto mais diretrizes rígidas piores as possibilidades de estratégias criativas e eficazes.

III. Em tempos de ensino remoto não previsto a necessidade da literatura se mostrou de forma mais clara. Não somente como um hábito. Mas como uma necessidade

dupla: o seu poder de aumentar o repertório linguístico, gramatical e redacional. Mas, sobretudo, estimular outras possibilidades existenciais. Tal fato nunca foi tão evidente em nossos cursos. Os estudantes, em sua maioria, se mostraram vivamente interessados em explorar mais leituras.

IV. Os recursos tecnológicos, como era de se esperar, mostraram não somente suas fragilidades em termos de sistema e instabilidades para uma comunicação mais efetiva, como também foram imprescindíveis. Particularmente, em nosso cursos a distância, a facilidade dos *links* que oferecem *pdf* e *e-books*. Tal facilidade foi fundamental para alcançarmos nosso objetivos. Em poucos segundos, pelo *chat*, todos puderam acessar as leituras apontadas por nós. Portanto, pode-se, facilmente, imaginar o quanto o futuro próximo da área educacional deverá sofrer algumas transformações tendo em vista algumas evidências constatadas que a beneficiaram. Sob um outro prisma, as incertezas, inseguranças e imprevisibilidades que deveriam, há muito e muito tempo, reger nossas decisões, não somente existenciais, se mostraram mais imperiosas e deverão ser um dos pilares para uma reformulação do sistema educacional. Espera-se, de uma vez por todas, que as artes e a literatura ocupem o lugar que realmente merecem no contexto de uma educação que se pretenda a favor de valores realmente humanos e que saiba enfrentar, com a mesma dignidade das artes e da literatura, a fragilidade existencial a que todos nós estamos submetidos.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e literatura: por uma estética do isolamento social. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-13, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BECKETT, Samuel. *Proust.* Tradução de Arthur Rosenblat Netrovski. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 3:* a ausência de livro, o neutro o fragmentário. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010.

CIORAN, Emil. *História e Utopia.* Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: 1994.

LUCCHESI, Marco. *Os olhos do deserto.* Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?.* Tradução de Carlos Felipe Moisés. Petrópolis: Vozes, 2015.

ZIZEK, Slavoj. *Pandemia:* covid 19 e a reinvenção do comunismo. Tradução de Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2020.